

GDF pode retirar hoje os favelados da rampa

JORNAL DE BRASÍLIA

20 SET 1987

O GDF deve retirar hoje as famílias da ex-invasão da 110 Norte que há oito dias estão acampadas sob a rampa do Congresso Nacional. A informação foi dada ontem pelo presidente da Fundação do Serviço Social, Gustavo Ribeiro, ao revelar que o deputado Francisco Carneiro (PMDB-DF) ficou encarregado de conversar com os favelados para transferi-los até o Setor de Indústria e Abastecimento.

A Fundação, segundo Gustavo Ribeiro, vai colocar três ônibus para conduzir os favelados, caso eles concordem em deixar o Congresso Nacional. O chefe do Gabinete Civil do GDF, Guy de Almeida, informou também que o Governo dará "todo o apoio logístico" para que as famílias não só sejam removidas, como tenham condições de permanecer no local até que ele consiga outra área, embora muitos prefiram continuar sob a rampa.

Vida na rampa

A vida sob a rampa do Congresso Nacional é caótica. À noite, o maior problema enfrentado pelas 68 famílias são os ventos fortes. Durante o dia, os "invasores" dividem o minúsculo banheiro da Segurança da Câmara dos Deputados, localizado no andar térreo do prédio. Os parlamentares que visitam o local ouvem sempre o mesmo pedido: um lote para morar, dentro do Distrito Federal.

"Os moradores rejeitaram a proposta de irem para o Setor de Indústria e dizem que só vão para o Gama se lá tiver terrenos", disse Maria da Cruz, presidente da Associação dos Moradores da ex-favela da 110 Norte, também acam-

pada no local. As propostas de se transferir os moradores para o galpão da Irmaco, no SIA, e para o galpão da fábrica de esquadrias São Jorge, no Gama, foram descartadas pelos moradores: "Nós tínhamos onde morar e eles derrubaram. Agora ficamos aqui".

Brasilinha

Alguns moradores disseram que as propostas de alojá-los nos galpões do Gama ou do SIA não resolverão seus problemas uma vez que teriam de ser transferidos para Brasilinha: "Queremos um lugar onde não sejamos expulsos, um terreno dentro do DF. Eu posso até pagar", disse Francisco das Chagas de Carvalho, com medo de ser expulso também dos galpões. Com quatro filhos debaixo da rampa, Francisco das Chagas, disse que a experiência de ser transferido de um lugar para outro atrapalhou sua vida. E narrou sua trajetória:

"Quando fomos transferidos para a Igreja, ficou difícil, porque eu trabalhava de ajudante de cozinha em um hotel, e na Igreja não tinha onde lavar a roupa. Eu ficava de pé no banheiro, até a roupa secar, mas nunca chegava a tempo no serviço, e não deu para ir mais ao trabalho". Francisco disse ainda que está preocupado com a situação de seus filhos, todos com idade abaixo de seis anos.

Leite e pão

Os favelados estão se alimentando exclusivamente de doações por parte de instituições locais. Ontem pela manhã, um empresário local distribuiu leite e pão. Mas a comida não é o único problema que enfrentam: "Meu filho tem um mês de idade e à noite o vento retira a

coberta dele", lamenta-se Maria José Costa.

Os "invasores" negaram a tentativa de seqüestro de um padre, com a intenção de conseguirem lotes. As informações que chegam ao local, dizem eles, muitas vezes atrapalham o andamento das negociações de transferência. Até ontem pela manhã, eles não tinham visitado o galpão da fábrica São Jorge, no Gama, mas rejeitaram a proposta ao tomarem conhecimento das condições do local, através da imprensa.

"Os que trabalham devem ficar dentro do DF, e não serem levados para Goiás", disse ontem o escritor, poeta e funcionário da Câmara, Deodato Rivera, em greve de fome à seis dias por uma solução ao problema dos favelados acampados sob a rampa do Congresso Nacional. Com a Voz trêmula, Deodato disse que deseja um "entendimento entre os desabrigados e o Governo", e argumentou que o que faz não é uma greve de fome: "greve de fome está num contexto bélico, de confronto; o que faço é um jejum, palavra que tem um contexto pacífico".

O médico que está cuidando de Deodato Rivera, na enfermaria da Câmara dos Deputados, Alberto Henrique, informou que vem reidratando o paciente com soro, mas o grande problema é que ele se nega a comer. "Tentaremos reposicionar micronutrientes para suprir o que ele não está comendo". O médico garantiu que Deodato Rivera, por enquanto, não corre risco de vida, mas alertou que a falta de alimentação poderá provocar repercussões cardíacas".